

Apagão mostra abismo entre oferta e procura

Rivadavia Severo
Brasília

No dia em que a Petrobras anunciou o corte no fornecimento de gás natural para as distribuidoras do Estado do Rio e São Paulo, o diretor-geral da AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (ANEEL), Jerson Kelman, alertou, em um evento em Brasília, que "o cobertor era curto" para atender a demanda de gás do país e pedia algum tipo de ação preventiva para a falta de gás.

Segundo Kelman, há uma entressafra de projetos hidrelétricos no país e a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) tenta contornar esse problema no médio prazo.

- Temo que haja falta de gás para todos - disse o responsável pelo órgão de regulação do setor.

De acordo com o Ministério de Minas e Energia (MME), a falta de oferta de gás não é um problema do Sistema Integrado Nacional (SIN), mas das distribuidoras que venderam mais gás do que estipulava o contrato com a Petrobras. Esse contrato estabelece a quantidade de energia firme, ou seja, que tem que ser entregue quando solicitado.

O corte foi feito sobre o volume excedente que as distribuidoras estavam recebendo. A Petrobras vinha entregando mais gás porque havia sobra e mercado. Quando faltou gás, a estatal cortou o fornecimento adicional. O gás faltou porque o Operador Nacional do Sistema (ONS) passou a requisitar o excedente à Petrobras. Isso está previsto por determinação do Ministério e Minas e Energia. Esse gás foi destinado para as térmicas do país.

Por obrigação, a Petrobras deveria fornecer 5,1 milhões de metros cúbicos por dia, mas estava entregando 7,3 milhões de metros cúbicos diários, em média, nos últimos doze meses.

Na terça-feira, a Petrobras foi acionada pelo ONS. O problema é que essa mudança desabasteceu as indústrias e automóveis, ou seja, os consumidores finais, que já estavam contando com essa energia. A estatal está obrigada por lei a abastecer as térmicas movidas a gás.

O mercado acendeu o sinal de alerta. O presidente da Associação Brasileira de Infra-Estrutura e Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy, disse que as restrições pontuais no fornecimento de gás servem como alerta para o desequilíbrio entre a oferta e a demanda no setor, por causa do crescimento econômico.

- Não podemos brincar quando o assunto é abastecimento energético. As conseqüências são muito graves - disse Godoy.

Para ele, os cortes no fornecimento, mesmo os pontuais, dão um sinal negativo para empresas que planejam reequipar seus parques industriais e utilizar um combustível mais barato e menos poluente, como o gás natural.

- Há prejuízo para as indústrias que acreditaram em segurança no abastecimento e fizeram investimentos na substituição de equipamentos para queimar gás - afirma.

O Brasil estimulou o uso do gás quando decidiu investir no Gasoduto Brasil-Bolívia (Gasbol), em 1999, no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

SEVERO, R. Apagão mostra abismo entre oferta e procura. Jornal do Brasil, Economia, Racionamento, A18, 01/11/2007.